

**ESTEREÓTIPOS DE
GÊNERO E PAPÉIS**

MODELO:

#Mais Mulheres

Maravilha nos Cinemas

**ROLE MODELS AND GENDER
STEREOTYPES:**

#More Wonder Women in Film

**ESTEREOTIPOS DE GÉNERO Y
PAPELES MODELO:**

**#Más Mujeres Maravilla en los
Cines**

Sandra de Souza Machado^{1, 2}

RESUMO

Recentes estudos de mídia audiovisual revelam as características fundamentais na produção eurocêntrica que instigam e enraízam estereótipos (interseccionais) femininos de gênero, que permeiam as diversas culturas nas sociedades globais. Pesquisas como a do Laboratório de Análise e Interpretação de Sinais, da Universidade do Sul da Califórnia (USC), e também o relatório da *Common Sense Media, Observando Gênero: como os estereótipos nos filmes e na TV impactam o desenvolvimento das crianças*, atestam serem os estereótipos de gênero nos filmes e em programas de TV mais que persistentes. Eles são incrivelmente eficazes em ensinar às crianças e aos adolescentes o que a cultura local/global espera deles/as. Este artigo analisa a necessidade de mais papéis-modelo positivos/afirmativos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Mulheres; Estereótipos; Audiovisual; Educação.

¹ Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB) e Master of Arts em Cinema e TV pela The American University, Washington, D.C. EUA. É jornalista e blogueira (**Blog da Igualdade – Correio Braziliense** - <http://blogs.correiobraziliense.com.br/igualdade/>), e professora visitante da UnB. E-mail: sandramachado14@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0064-4995>.

² Endereço de contato da autora (por correio): Blog da Igualdade, Correio Braziliense. Edifício Edilson Varela, SIG Qd 02 nº 340. CEP: 70.610-901. Brasília, DF, Brasil.

ABSTRACT

Recent media researches reveal core characteristics in most of the hegemonic Eurocentric film production, which instigate and perpetuate (intersectional) female gender stereotypes that permeate diverse cultures within global societies. New studies from the USC Viterbi School of Engineering's Signal Analysis and Interpretation Lab (SAIL), and the Common Sense Media Report *Watching Gender: How Stereotypes in Movies and on TV Impact Kids' Development*, confirm that gender stereotypes in movies and TV shows are far more persistent than generally believed. They are incredibly effective at teaching children and teenagers what local/national/global societies expect from them. This article analyses the need for more positive and affirmative role models.

KEYWORDS: Gender; Women; Stereotypes; Film; Education.

RESUMEN

Recientes estudios de media audiovisual eurocéntrica revelan las características fundamentales que instigan y perpetúan estereotipos femeninos (interseccionales) de género, que permean las diversas culturas en las sociedades globales. Las investigaciones como la del Laboratorio de Análisis e Interpretación de Señales, de la Universidad del Sur de California (USC), y también el informe de la Common Sense Media, *Observando Género: como los estereotipos en las películas y en la TV impactan el desarrollo de los niños*, atestiguan ser los estereotipos de género en las películas y en programas de TV más que persistentes: son increíblemente eficaces en enseñar a los niños/niñas lo que la cultura espera de ellos. La propuesta aquí es que las sociedades necesitan más papeles modelo afirmativos y positivos.

PALABRAS CLAVE: Género; Mujeres; Estereotipos; Audiovisual; Educación.

Recebido em: 14.08.2017. Aceito em: 12.09.2017. Publicado em: 01.10.2017.

*Estima-se que em torno de 600 mulheres tenham servido (como soldados) durante a Guerra Civil Americana. Elas alistaram-se disfarçadas de homens. Hollywood perdeu aqui um capítulo importante da História Cultural, ou esta história está ideologicamente muito difícil de lidar?*³

Stieg Larsson

Introdução

Nas sociedades (pós)coloniais contemporâneas as relações entre os meios de comunicação de massa (*mass media*), a cultura onde atuam e as formações identitárias em sua multidimensionalidade – sendo necessária a superação das visões tradicionais, simplificadas e estereotipadas da diversidade cultural e comunicacional –, ensejam o debate nesta pesquisa. Especialmente, sobre a aprendizagem dos papéis de gênero em filmes (de ficção ou não), comerciais e programas de TV, e as consequências sobre as crianças/adolescentes, jovens, seus relacionamentos, e mesmo suas futuras carreiras.

A indústria audiovisual ocidental parece ter entrado em nova fase, neste século 21, finalmente dando maior atenção aos papéis interseccionais de gênero, raça e etnia, LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais), e as questões do empoderamento feminino, dos preconceitos geracionais, ou das discriminações contra as populações deslocadas (migratórias).

³ Stieg Larsson, in ***Luftslottet Som Sprängdes*** (*A Rainha do Castelo de Ar*), Trilogia Millennium, Volume 3, Parte 1, *Intermezzo em um Corredor*.

Neste ano de 2017, Hollywood, a meca do cinema Ocidental, lançou filmes no mercado mundial que privilegiam papéis principais com mulheres (em suas diversidades étnicas, geracionais e de orientação sexual) fortes, independentes, (auto) determinadas e com razoável estima por suas pares. Nota-se uma sororidade – a conexão sadia de laços de amizade entre mulheres – até há pouco inexistente nas produções audiovisuais da indústria cultural de boa parte do mundo.

É o caso de *Wonder Woman (Mulher-Maravilha, EUA, 2017)*, *Hidden Figures (Estrelas Além do Tempo, EUA, 2016)*, ou *Girls Trip (EUA, 2017)* – este último ainda sem data de estreia no Brasil. São filmes dirigidos e/ou roteirizados e produzidos por mulheres, com personagens principais femininas procedentes das diversidades etnorraciais, cujos sucessos levantaram ondas de elogios tanto da crítica especializada como o triunfo comercial nas bilheteiras. Outros “feitos” audiovisuais para as mulheres são celebrados nas redes sociais e nas mídias corporativas, como a nova fase do seriado da rede de TV norte-americana CBS, a saga *Star Trek: Discovery*.

Tal como no *Star Trek* original, que foi pioneiro em mostrar as diversidades nas telinhas dos anos 1960 e 1970, há uma mulher negra e outra oriental entre as principais personagens interplanetárias. Só que, desta vez, a mulher negra *comandar*á a nave, com a atriz Sonequa Martin-Green. Outra vitória, esta para os movimentos sociais LGBTI, é o novo personagem de um oficial abertamente homossexual, o tenente Stamets, interpretado pelo ator Anthony Rapp⁴. Com tais produções, pode ser tentador pensar que as mulheres e/ou as diversidades estão em alta em Hollywood.

⁴ Matéria da *EW (Entertainment Weekly)* online, de 28/07/2017. Disponível em <http://ew.com/tv/2017/07/28/star-trek-discovery-sonequa-martin-green-video/amp/> Acesso em 05 Ago. 2017.

Estatísticas recentes

Entretanto, ainda é cedo para se afirmar ou celebrar uma guinada definitiva nas representações de gênero no mundo audiovisual. É o que indicam as várias pesquisas patrocinadas por organizações e institutos que lidam com a matéria, nas universidades europeias e norte-americanas (ou aqui no Brasil), sobre as estatísticas e percentuais de papéis (interseccionais) de gênero nos cinemas e na TV.

Entre elas, um novo estudo do Laboratório de Análise e Interpretação de Sinais da Universidade do Sul da Califórnia (USC), via a Viterbi School of Engineering (SAIL) – que cria ferramentas automáticas para análise de signos e avaliação linguística –, revela como as mídias audiovisuais comunicam questões de gênero, raça/etnia e idade. Demonstra que, na imensa maioria dos filmes, os papéis femininos não são fundamentais para a trama⁵.

A análise automatizada da USC, de quase um mil roteiros das produções de cinema, atesta que os estereótipos negativos sobre as mulheres, as raças/etnias, e sobre o envelhecimento são criados e/ou reforçados. A pesquisa foi capaz de quantificar com sofisticação o tom de linguagem de sete mil personagens e mais de 53 mil diálogos, nos roteiros de filmes relacionados nos sites do *Daily Script* e do *IMSDB*.

Desses, os homens têm mais de 37 mil diálogos e as mulheres apenas 15 mil, sendo que elas totalizam somente duas mil personagens contra quase cinco mil masculinos. Dos quase 1 mil roteiros estudados, algumas conclusões

⁵ Pesquisa publicada no site da *USC Viterbi School of Engineering*. Disponível em: <https://viterbischool.usc.edu/news/2017/08/central-female-characters-movie/> Acesso em 10 Ago. 2017.

são reveladoras do sexismo e dos problemas de gênero, de raça/etnia e os geracionais nos filmes produzidos para as grandes bilheterias e audiências:

“Há sete vezes mais escritores do sexo masculino do que feminino. Quase 12 vezes mais diretores homens do que as diretoras. Pouco mais de três vezes mais produtores do sexo masculino do que as produtoras mulheres. (Há também o sexismo na distinção de carreiras ditas “femininas”) (...) diretoras de elenco são a única exceção a essa tendência (duas vezes mais mulheres). Os gêneros dos diretores do elenco aparentemente não tiveram impacto nos gêneros dos personagens. Em geral, personagens femininas, independentemente da raça/etnia, tendem a ser cerca de 5 anos mais novas do que as suas homólogas masculinas. O ‘quarto dos escritores’ (local onde roteiristas criam) produz impacto: a maior diferença vem de lá. Se as roteiristas mulheres estão presentes, a representação da personagem feminina na tela é, em média, 50% maior. Estereótipos criados através do diálogo de personagens: a pesquisa também analisa a representação interseccional das personagens por gênero, idade e raça/etnia, e por temas como excitação emocional, amparo (emoção positiva e negativa), sexo, realização, religião, morte e palavrões, e sobre Ladenness (diálogos ao longo de linhas estereotipadas). Descobriu-se que o diálogo dos personagens latinos e/ou de raça mista são mais relacionados à sexualidade. Os/as afro-americanos apresentaram uma porcentagem maior de palavrões/xingamentos em seus diálogos do que outras raças. Gênero: em geral, os pesquisadores descobriram que personagens femininos tendem a ser mais positivos em proteção/amparo, o que significa que são mais positivos, mas isso tende a ser correlacionado com o uso de linguagem que se conecta com valores familiares (do espaço privado).”⁶

Essas palavras, usadas para nortear os resultados da pesquisa, são mapeadas a partir de uma ferramenta do *SAIL Lab* conhecida como *Emotiword*. Além do volume de diálogos atribuído aos homens, as falas masculinas têm mais palavras relacionadas à conquista, completude profissional, morte e xingamentos do que os diálogos para as mulheres. Sobre as questões

⁶ Comentários dos/as responsáveis pela pesquisa publicada no site da *USC Viterbi School of Engineering*. (tradução minha) Disponível em: <https://viterbischool.usc.edu/news/2017/08/central-female-characters-movie/> Acesso em 10 Ago. 2017.

geracionais e preconceitos sociais e culturais, à medida que as personagens envelhecem, aparecem mais sábias: são inteligentes, mas menos “animados/as”, com menor menção à sexualidade, e mais conversas sobre religião. A linguagem de personagens idosos/as orienta-se para o que mais tradicionalmente se associa aos homens.

Uma conclusão geral do estudo, atestada pelo seu principal autor, Anil Ramakrishna (com a supervisão do Dr. Shrikanth Narayanan):

“Os escritores, conscientemente ou subconscientemente, concordam com as normas estabelecidas sobre (papéis de) gênero, incorporadas nas suas escolhas de palavras. Em um mundo ideal, o gênero é um fato auxiliar, não teria nada a ver com a forma como os atores/atrizes são apresentados e o que dizem.”⁷

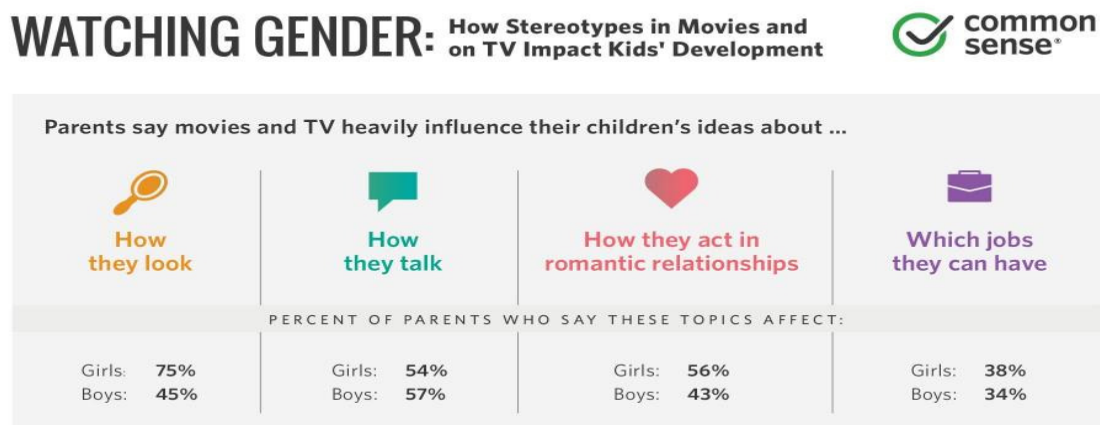


Figura 1: *Como os Estereótipos nos Cinemas e na TV Impactam o Desenvolvimento das Crianças.* Pais e mães, ou os responsáveis, afirmam que a TV influencia pesadamente as ideias de suas crianças (ou adolescentes) sobre: Suas Aparências – Meninas em 75% e Meninos em 45%; Como elas Falam: Meninas em 54% e Meninos em 57%; Como Elas Agem em Relacionamentos Românticos: Meninas – 56% e Meninos – 43%; Quais Empregos/Carreiras elas Podem Ter: Meninas – 38% e Meninos – 34%. Arte: <https://www.common sense media.org/watching-gender-infographic>

⁷ A pesquisa, “Análise Linguística das Diferenças na Representação de Personagens de Filmes” (em tradução livre), aparecerá nos *Proceedings of the Association for Computational Linguistics (ACL)* - Procedimentos da Associação de Linguística Computacional (ACL), em 2017.

Common Sense Media

O novo relatório da *Common Sense Media* – Organização Não-Governamental líder nos Estados Unidos pelo empoderamento e voz das famílias frente às novas tecnologias e mídias -, *Watching Gender: How Stereotypes in Movies and on TV Impact Kids' Development*⁸ (*Observando Gênero: como os estereótipos nos filmes e na TV impactam o desenvolvimento das crianças*), analisou mais de 150 artigos, entrevistas, livros e outras pesquisas socio-científicas. Nele, os estereótipos de gênero nos filmes e em programas de TV são mais que persistentes. Eles são incrivelmente eficazes em ensinar às crianças o que a cultura local/nacional/global espera de meninos e meninas.

Isso faz com que tais mensagens se mantenham, pois estão programadas para o momento preciso no desenvolvimento das crianças quando são mais receptivas à sua influência. A ONG atesta, por meio das pesquisas, que a mídia perpetua rígidos papéis e estereótipos de gênero. O que pode afetar o senso de autoestima, autodeterminação, os relacionamentos e as aspirações de futuras carreiras das crianças. No último relatório de pesquisa, a *Common Sense Media* explora os efeitos das mídias audiovisuais tendenciosas sobre o desenvolvimento das crianças, a fim de promover representações de gênero mais positivas e precisas que dê às crianças a liberdade de serem elas próprias.

Aliás, na contemporaneidade, são diversas as organizações internacionais que lidam com pesquisas e debates sobre a relação Mídia/Gênero, caso da *Women in Film and TV* ou do *Geena Davis Institute on Gender in Media (If She can See It, She can Be It)*. Elas apresentam, regularmente, novos estudos

⁸ Os resultados completos e dados adicionais estão disponíveis em: <https://www.common sense media.org/research/watching-gender#> Último acesso em 10 Ago. 2017.

estatísticos e pesquisas acadêmicas sobre a necessidade urgente de mais produções audiovisuais que tragam novos papéis e melhores perspectivas de gênero, sobretudo, para as mulheres/meninas.

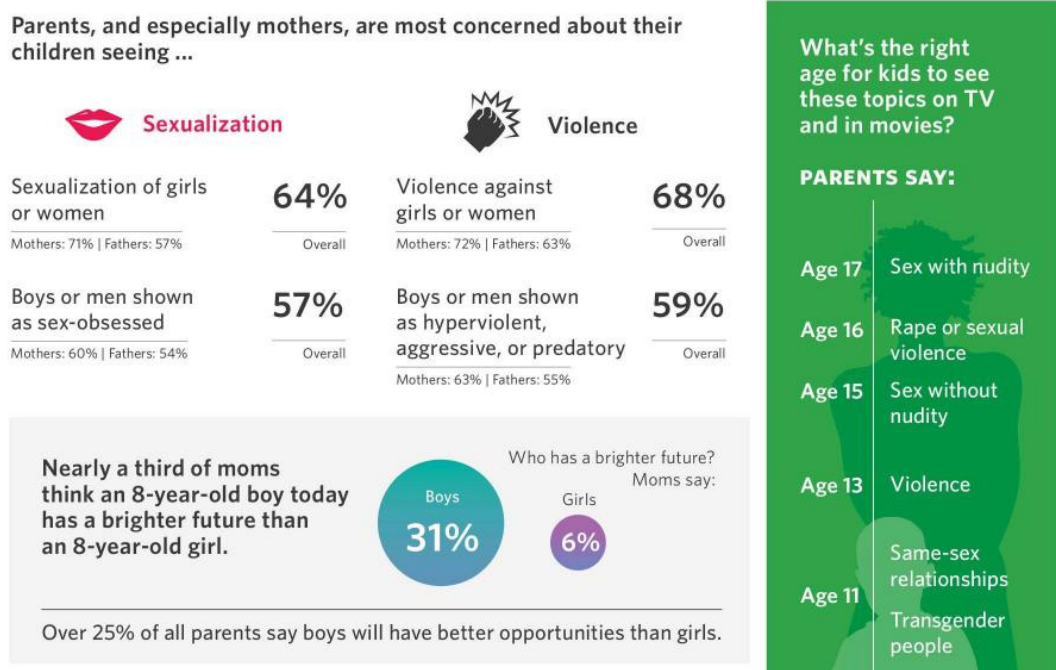


Figura 2: Como os Estereótipos nos Cinemas e na TV Impactam o Desenvolvimento das Crianças. Em média, especialmente as mães, ou as mulheres responsáveis, mas também os pais, afirmam que são mais preocupadas sobre suas crianças assistirem programas de TV com cenas de Sexualização: De Garotas ou Mulheres: 64%; Violência Contra as Mulheres: 68%; Meninos ou homens sendo mostrados como obcecados por sexo: 57%; Meninos ou homens mostrados como hiper violentos, agressivos, ou predatórios: 59%. Além disso, a pesquisa mostra que aproximadamente um terço das mães pensam que um menino de 8 anos, hoje, tem um futuro mais brilhante do que uma menina da mesma idade: Meninos – 31% e Meninas – (apenas) 6%. Arte: <https://www.common sense media.org/watching-gender-infographic>

A linguagem imagética do cinema, há mais de 120 anos, viaja pelo mundo. Para decodificá-la de modo a fazer sentido pelas diversas culturas e sociedades, com fins comerciais e de lucros, a uniformização simbólica tem que funcionar. Bem como há que se garantir a permanente fluidez do desejo e da

supremacia de uns sobre os outros na disputa pelo espaço e pelo tempo em que a dominação permanecerá latente e (bem) viva. O fim é a aceitação de que o *mundo é assim*. Ou seja, o que se vê nas telas, dos cinemas, da TV ou dos aparelhos do mundo digital, seria a realidade.

Ao longo das décadas, a indústria audiovisual – cinema e televisão – desenvolveu, e segue criando, técnicas cada vez mais refinadas para padronizar os estímulos e as formas de recepção dos públicos. Para tais objetivos, nada como os estereótipos humanos e os *mitos* que os cercam, nas histórias das civilizações.

Esses construtos socioculturais, que o linguista e filósofo francês Roland Barthes (1956/1982) chamou de *mitos culturais burgueses*, são o que há de pior para os direitos e as liberdades de expressão humanos. Isso porque limita e torna medíocre o que seriam indescritíveis miríade de seres, comportamentos e diversidades culturais, ao criar signos representacionais (conotações) com fins de estabelecer significados e mensagens subliminares limitadores, ou uma *visão* padrão para a humanidade, ou parte dela⁹.

Já a pesquisadora e crítica feminista do cinema E. Ann Kaplan (1995) resgata o “mito perene da mulher como ameaça ao controle da masculinidade do mundo e destruidora da aspiração masculina”¹⁰. Kaplan afirma que, nos cinemas eurocêntricos, a mulher “independente” tem duas opções: trabalhar em algo considerado menor ou alternativo ou viver à custa (sombra) de um homem. A necessidade de reprimir o feminino, pela ameaça que representa à

⁹ O semiólogo Roland Barthes debate em seu livro *Mitologias* (1956/1982) a eficácia da mensagem ideológica, que estaria na falsa ideia de ela *parecer transparente*. Desmontada, ela revela-se um embuste.

¹⁰ A ensaísta norte-americana E. Ann Kaplan desenvolve a crítica feminista das produções audiovisuais em seu **A Mulher e o Cinema: Os Dois Lados da Câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, pp.120, 127.

ordem patriarcal, afeta muitos papéis reservados às mulheres nas produções audiovisuais, tanto as de massa como as do dito cinema independente.

No cinema clássico e feito para as bilheterias, a “mulher-imagem”, ou a imagem feminina, é tipicamente tornada fetiche. Isso pode ocorrer por meio dos fundamentos da linguagem audiovisual, como o uso de *close-ups* (primeiros planos) que se arrastam, ou permanecem por mais tempo que o normal para um plano aproximado, que seria entre dois a três segundos na tela, o que interrompe claramente a fluidez da narrativa e constitui a mulher como “espetáculo”. Também acontece pelo uso de figurinos glamorosos, maquiagem, locações, cenários, ou por meio de esquemas de iluminação especiais que cercam as personagens femininas.

Sobre a criação de um novo referencial, o desenvolvimento de outros horizontes para o cinema de vanguarda na Europa, E. Ann Kaplan credita ao cinema feminista e à teoria feminista do cinema a abertura de caminhos entre as divisões e o fracasso no desenvolvimento de uma teoria do cinema relacionada com a vanguarda:

As razões para tanto não são difíceis de encontrar, dado o tipo de trabalho que as mulheres têm de fazer. As mulheres foram forçadas a desenvolverem uma semiótica do cinema que pudesse incluir uma teoria da referência, já que a opressão da formação social nos é impingida diariamente. Mas como nossa opressão nasce de nossa (falsa) representação na significação, como podemos evitar a tentativa de encontrar uma voz, um discurso, apesar das dificuldades envolvidas em tal busca dentro da cultura patriarcal que nos exclui? Além do mais, como poderíamos continuar a tolerar, primeiro, nossa exclusão do fluxo da história (quer dizer, a representação da presença da mulher na história) e, depois, a omissão dos ativistas de esquerda quanto às questões políticas da mulher? (...) para caracterizar os variados projetos do cinema feminista, as cineastas independentes cumpriram sua tarefa de formas amplamente variadas.¹¹

¹¹ *Ibid.* p. 127

A cineasta e ensaísta britânica Laura Mulvey (1989) explica que as representações de mulheres podem, em certos aspectos, constituir uma ameaça ao observador. Nesse caso, a mulher como ícone, mostrada para o gozo e prazer dos homens, os controladores ativos do olhar, sempre ameaça evocar a ansiedade que originalmente significou.¹² Os personagens masculinos característicos da filmografia de Orson Welles e de tantos outros cineastas eurocêntricos, ou mesmo da filmografia independente e/ou intercultural, são traduções dessas teorias psicanalíticas. Esses personagens encerram uma carga dramática como “vítimas” dos estereótipos femininos negativos.

Talvez o lado mais perverso da penetração e perpetuação desses estereótipos na psique feminina de boa parte do mundo seja, ou tenha sido, a própria auto-imagem negativa e/ou destrutiva, o que faz com que as mulheres coloquem a si mesmas nesses papéis de seres inferiores ou submissos. Uma das consequências dessa suposta inferioridade é a competição acirrada e patética *entre* as próprias mulheres, e o distanciamento delas em relação aos homens. O desequilíbrio psicossocial causado na maioria é repassado de geração em geração. Não é sem razão que as tradições sócio-culturais mais grosseiras são perenizadas.

Tal qual ocorre em relação às demais diversidades, como pessoas negras, indígenas e latinas (que vivem nos países europeus e nos EUA), LGBTI, ou qualquer cidadã ou cidadão de países considerados “periféricos”, fora dos padrões *WASP* – os homens brancos, anglo-saxônicos/arianos e, de preferência, protestantes históricos.

¹² Mulvey desenvolve a teoria em seu ensaio **Visual and Other Pleasures**: Theories of Representation and Difference, 1989.

Então, os resultados óbvios são que especialistas em Marketing e Publicidade e Propaganda atestam que os estereótipos seriam inevitáveis na indústria cultural. Especialmente, para a do entretenimento (produções para cinema, televisão, notícias, campanhas publicitárias). Para arrebanhar maior número de pessoas, que rapidamente absorvam as informações, os estereótipos atuam como códigos que proporcionam o entendimento fácil e comum a um e/ou a vários grupos, em culturas diversas.

Tais códigos relacionam-se às classes sociais, etnia ou raça, gênero, orientação sexual, papéis sociais, religião, ocupação e faixa etária. Ao mesmo tempo, os estereótipos são problemáticos, pois podem reduzir uma larga escala de diferenças entre as pessoas a categorias simplistas e transformar suposições sobre um grupo particular de pessoas em “realidades”. Também podem ser usados para justificar a posição de poder e domínio de alguns sobre outros e perpetuar os preconceitos e as desigualdades sociais.

As más representações, os silenciamentos, as omissões, as aculturações e os estereótipos de gênero, nos Meios de Comunicação de Massa (*Mass Media*), terminam por fomentar, retroalimentar e perpetuar papéis sociais arcaicos, machistas e misóginos, ao normatizar as violências simbólicas e/ou físicas contra as mulheres. Especialmente, no que tange a indústria de entretenimento, que engloba a imprensa *mainstream*, a publicidade e propaganda, e as produções cinematográficas e televisivas globais.

Não é apenas um filme. Não é apenas um programa de TV. É a constante exposição aos mesmos conceitos datados nas mídias audiovisuais, repetidamente, começando antes da pré-escola e que se alonga por toda uma vida. Conceitos como: os meninos são mais inteligentes que as meninas ou que certos empregos e pesquisas são melhores para homens – como as

relacionadas aos avanços tecnológicos em informática, por exemplo. Há ainda outros, que “exigem menos das faculdades mentais” para mulheres; ou até mesmo que as meninas/mulheres são responsáveis pelos ataques sexuais e as agressões físicas e morais que sofrem.

Nesta pós-modernidade, sabe-se que tais conceitos opressivos são uma grande falácia, dadas as pesquisas dos estudos da História das Mulheres, há décadas, em áreas de concentração das faculdades de História, Ciências Sociais, ou as interdisciplinares de Estudos Feministas e de Gênero, no Brasil¹³ e mundo afora.

Nos trabalhos de formiguinha, quase de escavação arqueológica, dessas novas histórias, saltam verdades sobre a omissão, a exploração e a apropriação (intelectual ou física) indevida, pelos homens, de invenções, de pesquisas revolucionárias, e das inovações em diversas áreas e campos do saber, que seriam das mulheres.

Bons exemplos são as histórias das mulheres no desenvolvimento e na programação dos primeiros computadores, tanto na Europa, durante a 2ª Guerra Mundial, como nos Estados Unidos, desde os anos 1950. Ou o fato de que a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, teria que ser dividida com sua primeira esposa, Mileva Marić (Mitza), matemática sérvia classificada por ele como genial. São dela os cálculos por trás da famosa teoria de Einstein (que era um fracasso em matemática).

Ao fechar o acordo do divórcio, após quase 20 anos de parceria, o físico assinou um termo no qual dividiria o dinheiro com ela, caso ganhasse o Prêmio

¹³ Como exemplos, os núcleos de pesquisa e estudos interdisciplinares sobre as mulheres ou os programas de (pós) graduação de universidades federais brasileiras, como na UFSC, na UnB (Nepem), ou na UFBA - Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM). Ver este último em: <http://www.neim.ufba.br/wp/apresentacao/>

Nobel, para pagar ao menos parte de sua dívida científica perante os cálculos matemáticos e as ideias de Mitza. Einstein efetivamente ganhou o prêmio, em 1922 (referente a 1921), e ela recebeu o dinheiro.¹⁴



Figura 3: *Como os Estereótipos nos Cinemas e na TV Impactam o Desenvolvimento das Crianças.* As maiores qualidades que pais e mães (ou responsáveis) querem ver nos papéis-modelo dos Cinemas e da TV, as quais, em geral, tentam instigar em suas crianças, são: gentileza, boa comunicação, inteligência e confiança – tanto nos meninos como em meninas; bravura e líder efetiva (com resultados), especialmente nas meninas; e humildade nos meninos. Arte: <https://www.common sensemedia.org/watching-gender-infographic>

De Figuras Escondidas às Mulheres Maravilhas

Tantos motivos e fatos podem ser explicações para os recentes sucessos explosivos, não só em termos de bilheterias mundiais, mas também por tornarem-se referências para a crítica especializada e para meninas e mulheres (das diversidades ou não), como *Mulher-Maravilha* (EUA, 2017), *Hidden Figures* (EUA, 2016 – “Figuras Escondidas” foi traduzido no Brasil como “Estrelas Além do Tempo”), ou *Girls Trip* (EUA, 2017).

¹⁴ M. Popović (2003). In *Albert's Shadow: The Life and Letters of Mileva Marić, Einstein's First Wife*, p. xv: “The Family Tree of Mileva Marić-Einstein”.

São produções diversificadas, de gêneros tanto da ficção *live-action* (filmes de aventura e ação) dos quadrinhos *DC Comics*, no caso de *Wonder Woman*, passando pelo drama-comédia sobre a reunião de quatro amigas de colégio e os laços entre elas, enquanto mulheres negras bem-sucedidas (*Girls Trip*), e chega à re-encenação de fatos reais, caso de *Hidden Figures*.

Este último narra a história das três cientistas negras (Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson) que fizeram diferença na agência espacial NASA (*National Aeronautics and Space Administration*), durante a corrida espacial, permitindo que o astronauta John Glenn fosse o primeiro norte-americano a orbitar ao redor do planeta, em 1962.

O filme, apesar do enorme sucesso de público e crítica, não teve premiação no *Oscar 2017*, mas recebeu três indicações como melhor filme, melhor roteiro adaptado e melhor atriz coadjuvante para Octavia Spencer (interpreta a cientista Dorothy Vaughan, programadora que implementou o sistema de linguagem Fortran na NASA). Foi premiado em outros festivais, como de melhor elenco no *SAG Awards 2017*.

Apesar da premissa de o filme compreender a história das três cientistas, o foco foi em Katherine Johnson (interpretada por Taraji P. Hansen), responsável por calcular a trajetória de Alan Shepard (primeiro norte-americano e segundo homem no espaço) e que revisou os cálculos realizados pelos ainda pioneiros computadores eletrônicos, a pedido pessoal de John Glenn, antes de sua viagem pela órbita terrestre, devido à expertise dela como física e matemática.



As atrizes de *Hidden Figures* com Katherine Johnson, no Oscar 2017. Fonte: Divulgação Oscars

Das três cientistas, Katherine Johnson é a única ainda viva, com 99 anos. Ela foi aclamada pela plateia que acompanhava a cerimônia do Oscar, ao subir ao palco para anunciar, junto com as atrizes *Hidden Figures*, o prêmio de melhor documentário. Sua aparição foi antecedida pelas palavras da atriz Taraji P. Hansen:

“Nós três tivemos o privilégio de estar em um filme sobre Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, que brilhantemente fizeram a nossa nação [EUA] chegar até o espaço. Agora, por favor, senhoras e senhores, dêem boas vindas a uma verdadeira heroína e membro da NASA: Katherine Johnson”.¹⁵

Não é preciso ressaltar o quanto essa produção, realizada no coração da indústria cinematográfica eurocêntrica, surpreende e chega a ser taxada como

¹⁵ Artigo sobre quem foram as três cientistas negras da NASA no site do **Galoá Journal**, disponível em: <https://galoa.com.br/blog/quem-foram-3-cientistas-negras-da-nasa-em-estrelas-alem-do-tempo> Último acesso em 11 Ago. 2017.

“inacreditável”¹⁶ pelo imaginário colonizado de parte da crítica patriarcal ocidental. Primeiro, pela revelação da história “desconhecida”/omissa/silenciada sobre o sucesso do programa espacial dos EUA, desde seus primórdios, dever-se basicamente às mulheres cientistas, em áreas como física e matemática e programação dos computadores. Segundo, a maior parte dessa equipe é formada por *mulheres negras*, em plena época de forte reação do conservadorismo segregacionista contra os movimentos pelos direitos civis da população negra norte-americana.



A atriz israelense Gal Gadot, que desde os filmes *Batman vs. Superman (2016)* e *Liga da Justiça*, é a nova *persona* da Mulher-Maravilha, levantou polêmicas em países árabes, como o Líbano,

¹⁶ Ver exemplo de história “quase inacreditável” no artigo publicado na revista **Veja**, em 25/02/2017: “Estrelas Além do Tempo: história real é ainda mais otimista”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/e-tudo-historia/estrelas-alem-do-tempo-historia-real-e-ainda-mais-otimista/> Acesso em 15 Ago. 2017.

onde o longa foi banido, por ter servido por 2 anos no exército israelense e haver feito declarações contra o Hamas e a favor de Israel nas ações militares contra os palestinos na Faixa de Gaza, em 2015, nas suas páginas das redes sociais¹⁷. Fonte: *Divulgação Warner Bros.*

Já o *live-action* de maior sucesso das bilheterias mundiais em 2017, *Mulher-Maravilha* bateu mais um recorde, após 10 semanas desde o seu lançamento em 1º de Junho, e tornou-se o filme dirigido por mulher de maior bilheteria nos Estados Unidos em todos os tempos. Com US\$ 402 milhões arrecadados naquele país, o longa bateu o antigo recordista, *Frozen – Uma Aventura Congelante*, que arrecadou US\$ 400 milhões. Nas bilheterias globais, o filme da diretora Patty Jenkins, com faturamento batendo os US\$ 800 milhões (meados de Agosto/2017), ainda está abaixo do campeão *Frozen*. Este com direção de Jennifer Lee e Chris Buck arrecadou US\$ 1,2 bilhão, mundialmente.¹⁸

É o filme de herói/heroína com melhor sustentação nas bilheterias da América do Norte, em 15 anos. De acordo com a revista *The Hollywood Reporter*, o longa completou 10 semanas consecutivas ainda no topo das bilheterias, entre os 20 filmes mais vistos. Produções de heróis que duplicam ou triplicam a bilheteria do primeiro fim de semana já são considerados sucessos. O múltiplo de 3,8 conseguido por *Mulher-Maravilha*, na estreia, é o mais alto do gênero em pelo menos 15 anos.

Mulher-Maravilha foi mais bem-sucedido do que longas como *Homem-Aranha (2002)*, *Guardiões da Galáxia (2014)* e *Batman: O Cavaleiro das Trevas (2008)*. O filme que finalmente traz uma mulher heroína (solo), forte e

¹⁷ Gal Gadot postou declarações consideradas ofensivas aos árabes e a favor das ações militares de Israel na Faixa de Gaza, em 2015, em suas páginas nas redes sociais. Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/mulher-maravilha-grupo-quer-banir-filme-no-libano-por-conta-da-nacionalidade-de-gal-gadot/> Acesso em: 14 Ago. 2017.

¹⁸ Dados publicados pelo site **Women and Hollywood**, em 14/08/2017. Disponível em: <https://blog.womenandhollywood.com/wonder-woman-is-now-the-top-female-helmed-film-at-the-domestic-box-office-f38eba286f3b> Acesso em: 14 Ago. 2017.

independente, também bateu outros recordes: registrou, por exemplo, a maior bilheteria de um *filme de live-action* dirigido por uma mulher em todos os tempos, e a maior abertura de um filme dirigido por mulheres na América do Norte.

Quais fatores para tanto sucesso de um filme baseado em mitológica HQ (história em quadrinhos) de meados do século passado, e dirigido e estrelado por mulheres? Pode-se resumir mesmo ao fato de que é um dos pouquíssimos filmes/HQ sobre uma heroína do gênero feminino, que é dirigida, cercada e idealizada por mulheres, para ser um papel-modelo para elas.

Como de resto ocorre com a imensa maioria das mulheres contemporâneas – e ao longo dos milênios, nas sociedades patriarcais de culturas e religiões judaico-cristãs e muçulmanas: apesar de o patriarcado tentar silenciá-las, apagá-las, e coagir as que se sobressaem, nos âmbitos público e privado, elas permanecem, são resilientes e a História das Mulheres lhes faz justiça.

Salta aos olhos das audiências – nesta produção roteirizada, dirigida e editada por mulheres, e que mostra um batalhão delas na comissão de frente, nas telas –, justamente as tentativas (ineptas) dos personagens principais masculinos de refrear os instintos, a força, a sabedoria e as ações da *Mulher-Maravilha*. Esta uma deusa mítica, ou de suas pares, as mulheres-amazonas. Vê-se o espião/mocinho, o general alemão inimigo (a narrativa se passa em fins da Primeira Guerra Mundial), e o antagonista Hades (o deus da guerra) menosprezarem, ou desafiarem, ao longo de toda a narrativa, a capacidade intelectual e a força mental e física da Mulher-Maravilha (e das mulheres).

A certa altura, há a cena na qual ela explode em raiva e desdém contra o protagonista mocinho, com quem ela acaba de ter uma noite de amor, e o

culpa pela destruição e morte de toda uma vila. A mesma que ela havia heroicamente reconquistado das mãos dos soldados (inimigos) alemães, um dia antes. Ele a retardou na ação, não permitiu que ela seguisse sua própria sabedoria e instintos. O resultado foi o pior.

É com isso que as mulheres, desde as mais novas – crianças e adolescentes – até as mais maduras, têm imediata identificação e sororidade. Ao longo dos séculos, essa história se repete em todos os rincões globais. O atraso, os retardos, os abusos morais, psicológicos e físicos contra elas. A apropriação indevida dos feitos e aspirações delas.

A Mulher-Maravilha vinga-se e lava as almas das mulheres, é um papel-modelo nos cinemas, e na vida, por representar as aspirações das mulheres: incansável, forte, sábia e (auto)determinada. Ao mesmo tempo, é atenciosa, mostra-se compassiva com outras irmãs (pares) e também com os homens. Possui em si uma carga de positividade, animação, bom humor e dedicação que não fariam feio nas páginas de uma história em quadrinho. Ou em um filme.

As meninas, as adolescentes, e as mulheres jovens ou maduras querem e urgem tais e mais *personas*¹⁹ femininas nas telas. Por isso, uma imediata campanha por **#QueroMaisMulherMaravilha**²⁰ foi lançada nas redes sociais e nas mídias do Brasil e mundo afora. Tanto pelas organizações e instituições do audiovisual feministas como pelo público.

¹⁹ Palavra italiana derivada do Latim para um tipo de máscara feita para ressoar com a voz do ator/atriz (*per sonare* significa "soar através de"), permitindo que seja bem ouvida pelas audiências, bem como para dar a aparência que o papel exige.

²⁰ Ver artigo do site **Mulher no Cinema**, disponível em: <http://mulhernocinema.com/opiniao/por-que-voce-deve-reunir-os-amigos-e-ir-ao-cinema-ver-mulher-maravilha/> Acesso em 13 Ago. 2017.

A juventude – inclusive, boa parte dos homens – da chamada geração Y ou Z (*Millennial*, do novo milênio)²¹ adere ou fomenta a criação de laços positivos, de respeito e admiração, entre as mulheres, visível em diversas cenas do filme. Especialmente, nas sequências iniciais, na idílica ilha de *Themyscira* (Ilha Paraíso)²², um lugar fictício do universo criado nas histórias em quadrinhos da *DC Comics*, como a terra natal das Amazonas. Sua personagem em destaque seria a Mulher-Maravilha. As audiências entram em êxtase com as cenas de centenas de mulheres de todas as cores, guerreiras, ases em diversas artes marciais, cavaleiras (equestres) de fazer inveja aos campeões/ãs olímpicos, sábias e poderosas. Sobretudo, autodeterminadas e com autoestima.

Mulheres de todas as idades, fãs de diversas nacionalidades, enviaram pedidos ao estúdio *Warner Bros.* por mais tempo em roteiros que privilegiem as *Amazonas*, e suas rotinas na Ilha Paraíso, com a *Mulher-Maravilha*. Pois, serão atendidas ainda neste ano de 2017, com o lançamento da nova saga da *Liga da Justiça*. Personagens adicionais do filme da Mulher-Maravilha, incluindo a Rainha Hipólita e sua irmã Antíope, estão no próximo longa-metragem da DC Comics.

Em entrevista ao jornal *LA Times*, Connie Nielsen (Rainha Hipólita) e Robin Wright (a general Antíope) contam que o próximo filme do estúdio incluirá cenas de suas personagens. “E [Wright e eu] fazemos muito mais em *Liga da Justiça*”, afirma a atriz dinamarquesa Connie Nielsen. “Como irmãs também. Quebramos tudo também”²³. Durante a entrevista, as duas e a atriz Gal

²¹ Sobre as novas gerações do Terceiro Milênio, que nasceram a partir de meados dos anos 1980: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Y Acesso em 10 Ago. 017

²² Mais sobre a mitologia da Ilha Themyscira e o universo da *DC Comics*: <https://www.aficionados.com.br/ilha-themyscira-mulher-maravilha/> Acesso em 13 Ago. 2017

²³ Disponível em: <http://br.ign.com/cinema/49258/news/liga-da-justica-tera-personagens-adicionais-de-mulher-maravi> Acesso em 11 Ago. 2017.

Gadot reforçam o clima de mulheres "kick-ass"²⁴, que prevalece nas sequências filmadas na Ilha, com as *Amazonas*.

Impressiona, aliás, a capacidade da diretora Patty Jenkins em tirar o máximo dos cenários; da movimentação de atrizes e atores em cada tomada das batalhas; e de cada atriz escolhida a dedo para os papéis das lendárias guerreiras amazonas. Selecionou, inclusive, lutadoras já conhecidas nos mundos do boxe e das lutas livres e marciais.

E isso, a experiência em lutas, equitação e treinamentos militares, justifica também a escolha de Gal Gadot. A atriz serviu no exército de sua terra natal, Israel, por dois anos. É disciplinada para enfrentar pesadas horas de treinamento para as cenas de luta e de batalha, como fez para encarnar a personagem Mulher-Maravilha. Desde 2015, passa por exaustivos ensaios para as outras produções da *Warner Bros. – Batman vs. Superman (2016) e Liga da Justiça (2016 e 2017)*. O que não eclipsa o mérito dos protestos de pessoas e organizações, de várias partes do mundo, contra seu apoio às ações do exército israelense na Faixa de Gaza, nos assentamentos de israelenses x palestinos, e também contra o Líbano.

Gadot postou declarações consideradas ofensivas aos árabes e a favor das ações militares de Israel em Gaza, e também sobre a guerra contra o Líbano, em 2015, em seus perfis nas redes sociais. Por isso, *Mulher-Maravilha* foi banido no Líbano, duas horas antes da estreia, e sofreu boicotes de menor dimensão em outras nações do Oriente Médio.²⁵

²⁴ Gíria em inglês que significa "de arrebentar"; feroz; brutal; (lutador/a) destemida/o.

²⁵ Há várias matérias e artigos sobre a polêmica nas mídias globais, redes sociais, e em blogs especializados em cinema, feminismos, gênero, ou em ciência política e Oriente Médio. Uma matéria sobre o tema, com o trailer e o marketing do filme, por Gal Gadot e o ator Chris Pine, está disponível em:

<https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/31/libano-proibiu-oficialmente-mulher-maravilha-por-atriz-israelense.htm> Acesso em 10 Ago. 2017.

A orientação política de Gadot certamente ofuscou um pouco do brilho mundial da produção. E pode ter atrapalhado o caminho para tornar-se ainda mais bem-sucedido nas bilheterias mundiais, pois nesse quesito fica atrás de *Frozen*, animação que também é dirigida e protagonizada por mulheres.

Porém, o caminho estelar está aberto: além do próximo *Liga da Justiça*, que será lançado em fins de 2017, as mulheres guerreiras da DC, devido ao sucesso incontestável deste ano, retornarão em nova aventura solo de *Mulher-Maravilha* já programada para novembro de 2019, com a mesma Gal Gadot no papel principal. A direção também seguirá nas mãos da competente Patty Jenkins.

“A combinação de protagonismo e direção feminina em um filme como esse é, desde já, uma vitória. Não é por acaso que a chegada das mulheres à chefia dos estúdios americanos, nos anos 1980, não surtiu efeito no que diz respeito à igualdade de gênero. Naquele momento o blockbuster já se definia como grande fonte de renda e principal produto de exportação de Hollywood. Hoje, diante da crescente importância do mercado internacional, sobretudo o chinês, filmes de ação e efeitos especiais são tidos como os que “viajam melhor”: têm apelo global porque se apoiam mais no visual do que em diálogos. São justamente estes os filmes mais cruéis com as mulheres. Estamos falando de produções extremamente caras, que precisam render muito nas bilheterias, e com as quais os estúdios procuram não correr riscos desnecessários. Para Hollywood, as mulheres ainda são consideradas um risco: não se confia um orçamento tão grande nas mãos de uma diretora, e não se supõe que uma personagem feminina possa levar o público masculino aos cinemas. Outras questões entram em jogo, como o mercado de brinquedos e as supostas baixas vendas de bonecos de heroínas (recentemente contestadas pelo sucesso de produtos relacionados às franquias **Star Wars** e **Caça-Fantasmas**); a resistente ideia de que longas de ação e inspirados em quadrinhos não são adequados à direção feminina, mais “apropriada” a dramas, romances e documentários; e a recorrente lembrança de filmes mal-sucedidos como **Mulher-Gato (2004)** e **Aeon Flux (2005)**, atribuindo-se a culpa ao protagonismo feminino e não aos aspectos problemáticos da produção.”²⁶

²⁶ Luisa Pécora, artigo “Por que você deve ir ao cinema ver “Mulher-Maravilha”. Disponível em: <http://mulhernocinema.com/opiniao/por-que-voce-deve-reunir-os-amigos-e-ir-ao-cinema-ver-mulher-maravilha/> Acesso em 13 Ago. 2017.

Nesse sentido, tanto Gadot como Jenkins responderam firmemente às críticas (pseudo) feministas do diretor James Cameron (**Avatar** e **Titanic**), que se arvorou a dizer que a heroína da idílica *Themyscira* era uma espécie de ícone da mulher-objeto. A diretora contra-argumentou que não se surpreendia com a incapacidade de Cameron de entender a Mulher-Maravilha. “Não existe uma mulher poderosa e errada”, ironiza Patty Jenkins. E Gal Gadot responde que “quem não é feminista é sexista”.²⁷

Viagem de Mulheres: sororidade

Os sucessos de tais filmes, sejam *blockbuster* (das grandes bilheterias) ou independentes, que resgatam a História e/ou as mitologias das mulheres, devem-se aos papéis-modelo positivos. Aqueles que desconstroem os principais estereótipos negativos de gênero, como os das bruxas malvadas; as santas cuidadoras e procriadoras (escravas do lar); as incapazes de exercer e realizar certas profissões ou estudos; as desalmadas, prostitutas ou desviadas; as *femme fatales* dos filmes *Noir*, dos anos 1940 até os 60, que se repetem à exaustão até hoje, em tantas produções audiovisuais cansativas. Para as gerações do agora, e para as futuras, há que se preencher o vazio, as lacunas ainda resistentes e resilientes do machismo patriarcal. Aquele que discrimina e teme as diferenças e as diversidades. O que não é espelho.

Em outra produção de 2017, *Girls Trip* (viagem de garotas/mulheres, em tradução livre), ainda inédito no Brasil, comprova-se os pontos destacados na

²⁷ Declarações publicadas no site **Femalista** – By Women’s Rights News. Disponível em: <http://www.femalista.com/gal-gadot-whoever-not-feminist-sexist/> Último acesso: 10//09/2017.

supra citada pesquisa do laboratório SAIL (USC): quando há mulheres e/ou diversidades no “quarto de roteiristas”, os papéis-modelo (interseccionais) de gênero também mudam de caráter e características. O filme escrito por um homem e uma mulher negras, Kenya Barris e Tracy Oliver, arrecadou US\$ 100 milhões nas primeiras semanas, e conquistou as audiências e a crítica mais exigente, desde seu lançamento nos EUA, em 21 de julho. Com destaque para a ótima classificação no site da *Rotten Tomatoes*²⁸, empresa agregadora das opiniões de espectadores/as e da crítica especializada.

Estrelada por quatro mulheres negras – Regina Hall, Tiffany Haddish, Jada Pinkett Smith e Queen Latifah –, a comédia mostra fôlego. No fim de semana de estreia, faturou US\$ 30 milhões apenas nos Estados Unidos, e ficou em segundo lugar no ranking, atrás apenas de *Dunkirk*. “O filme custou US\$ 19 milhões (R\$ 59,7 milhões) e ganhou uma rara nota A+ do público no dia da estreia, de acordo com o serviço *CinemaScore*. As mulheres representaram 79% da audiência de *Girls Trip*”.²⁹ E o *Hollywood Reporter* confirma que a bilheteria de estreia é a melhor entre as comédias lançadas em 2017 e a melhor de um filme com classificação indicativa R (menores de 17 anos só acompanhados), em dois anos.

²⁸ Classificação da crítica e do público para o filme *Girls Trip (2017)*, com 87% de aprovação, disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/girls_trip Acesso em 14 Ago. 2017.

²⁹ Informações do balanço inicial da produção publicadas no site **Mulher no Cinema**, em 25/07/2017. Disponível em: <http://mulhernocinema.com/noticias/girls-trip-fatura-us-30-milhoes-e-e-vice-lider-das-bilheterias-americanas/> Acesso em 14 Ago. 2017.



Os laços de sororidade são ressaltados em *Girls Trip* (EUA, 2017) com cenas que reafirmam a segurança e a alegria da amizade entre as protagonistas. Fonte: Divulgação Universal Pictures

O filme narra a aventura de quatro amigas que decidem viajar a Nova Orleans, para o festival anual *Essence*, e promover uma “reconexão” dos laços de amizade, de sororidade, de longa data. E o que era para ser uma “comédia de verão” nos Estados Unidos, reafirma o empoderamento das mulheres negras, ao colocá-las como personagens principais do que parece ser uma produção inovadora.

“A amizade e ser verdadeira para consigo mesma nunca foi tão ultrajante (no sentido do humor). Uma diversão estridente, de alta energia, em elogio ao poder das ‘meninas’, com diálogo impetuoso, cru, inclusive, em suas conotações sexuais.”³⁰

³⁰ Crítica de Louise Keller, no site **Urban Cinefile**. Disponível em: <http://www.urbancinefile.com.au/home/view.asp?a=22084&s=Reviews> Último acesso em 14 Ago. 2017.

Considerações Finais

A necessidade de modelos múltiplos e diversos, que tragam à tona a humanidade real, cotidiana, o ser e o fazer das mulheres, em suas miríades, é o tom dos debates e discursos atuais de atrizes, diretoras, produtoras, e roteiristas do cinema e da TV. Foi assim em uma mesa de atrizes de peso, que estão em recentes produções de séries dramáticas, com elevadas audiências globais.

De formas distintas, elas tratam de temas que preocupam ou reafirmam a urgência pelas mudanças nos papéis sociais e culturais do audiovisual na indústria do entretenimento. São séries *blockbusters* com as atrizes Elisabeth Moss (*The Handmaid's Tale*)³¹, Jessica Lange (*Feud*), Oprah Winfrey (*The Immortal Life of Henrietta Lacks*), Chrissy Metz (*This Is Us*), e Nicole Kidman e Reese Witherspoon (*Big Little Lies*).³²

Elas conversaram sobre desigualdade de gênero, momentos marcantes de suas personagens, as dificuldades de filmar cenas de abuso sexual e/ou violência doméstica, o machismo, e as novas oportunidades na TV e nos canais independentes do mundo digital. Em oposição à maior parte do cinema feito para as grandes bilheterias, os novos meios abrem possibilidades de melhores papéis, inclusive, para as mulheres/atrizes mais velhas, que já passaram dos 50 ou 60 anos, e são postas de lado pelos cinemas globais, em relação aos papéis

³¹ *The Handmaid's Tale* é uma série criada pela **Hulu Network**, dos Estados Unidos, com base no romance clássico, de 1985, da escritora canadense Margaret Atwood. Conta a distopia de *Gilead*, uma sociedade-nação que outrora havia sido os EUA, mas que se tornou totalitária, fundamentalista e ultra-patriarcal, após desastres e guerras.

³² Ver o debate, em inglês, no site **Mulher no Cinema**. Disponível em: <http://mulhernocinema.com/videos/atrizes-de-series-dramaticas-falam-sobre-machismo-cenas-de-violencia-e-oportunidades-da-tv/> Último acesso em 14 Ago. 2017.

mais interessantes. Fato esse que não ocorre com os atores do gênero masculino.³³

“(...) Durante as filmagens, não ficávamos pensando: ‘Oh, estamos contando uma história que ainda é relevante hoje.’ Mas estou num ponto da minha carreira em que as coisas realmente declinaram. A ideia de que aquelas mulheres [Bette Davis e Joan Crawford] tinham 50 e poucos anos e estavam no fim, de que a indústria não queria mais nada com elas – de certa forma, isso ainda é verdade. Mas a televisão entrou no vazio que se cria quando a sua carreira cinematográfica começa a se reduzir. E as personagens que estou interpretando agora [na televisão] são tão ricas quanto as que interpretava no cinema, quando (eu) tinha 30 e 40 anos.”³⁴

O cinema e a TV brasileiros, que sempre evidenciaram em escala assustadora os mesmos problemas de estereótipos negativos e/ou da falta de representação interseccional das mulheres, também tem passado por mudanças, ainda que lentamente. Em seu discurso no Festival de Cinema de Gramado (RS), a cineasta Laís Bodanzky enalteceu a ação das mulheres no cinema nacional. Seu longa-metragem *Como nossos pais* (2017) recebeu seis prêmios no festival, dentre eles o de Melhor Filme, Melhor Direção e o de Melhor Atriz, para Maria Ribeiro.

“Essa é a grande revolução. Vamos fazer mais filmes pelo ponto de vista das mulheres. Eu tenho muito orgulho de estar aqui como

³³ Sobre a discriminação contra as atrizes por questões geracionais, de idade, ver o estudo realizado com a análise de mais de 800 horas de filmes de cinema e em mais de 3 mil horas de programação de TV, pelo departamento de Filosofia da Universidade de Rostock, na Alemanha. Disponível em: [http://www.hollywoodreporter.com/news/study-finds-major-gender-gap-german-film-tv-1020718?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=THR%20International no w 2017-07-13%2008:59:37 gszalai&utm_term=hollywoodreporter international](http://www.hollywoodreporter.com/news/study-finds-major-gender-gap-german-film-tv-1020718?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=THR%20International%20no%20w%202017-07-13%2008:59:37%20gszalai&utm_term=hollywoodreporter%20international) Último acesso em 14 Ago. 2017.

³⁴ Jessica Lange, 68 anos, atriz, interpreta a controversa Joan Crawford (1904-1977) na minissérie *Feud: Bette and Joan*. A produção conta a história das disputas e antipatias mútuas entre as atrizes Bette Davis e Joan Crawford.

cinasta, como mulher do cinema brasileiro, porque sei que eu represento e estímulo muitas outras que estão vindo aí. Na pesquisa da Ancine consta que 0% de mulheres negras estiveram no roteiro dos filmes lançados (em 2017). Essa é nossa nova fronteira: vamos descobrir e nos alimentar das histórias incríveis que elas vão contar. Elas estão na sociedade, estão nos curtas-metragens e estão chegando aí. Somos poucas (as mulheres na direção e no roteiro), e esse é o espaço do discurso, no qual a gente coloca nossas ideias. Essa consciência é muito nova na minha vida, mas é uma reflexão necessária. Será que nós, mulheres, não queremos dirigir nem roteirizar? Somos apenas 15% na indústria do audiovisual. Por quê? É importante refletir, porque não é que a gente não queira contar nossas histórias, mas há um filtro. É preciso romper com isso e conquistar o espaço do discurso”.³⁵

Como está registrado nas pesquisas da *Common Sense Media*, citadas neste artigo, as sociedades eurocêntricas, das quais o Brasil é periférico, estão carentes por tais mudanças. Não apenas por parte das famílias preocupadas com como suas crianças crescerão no mundo. As mulheres – maternas ou não; crianças, jovens ou maduras/idosas; negras, indígenas, orientais, mestiças ou brancas; heterossexuais ou LBT – merecem viver em sociedades (midiáticas) que as representem. E que se tornem formas afirmativas e positivas, ao conscientemente rever locais de fala e combater os estereótipos batidos, ultrapassados, violentos e abusivos.

³⁵ Discurso da cineasta Laís Bodanzky, ao receber o prêmio de Melhor Direção, no Festival de Cinema de Gramado. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/lais-bodanzky-sobre-as-mulheres-cinema-grande-revolucao-festival-gramado/> Acesso em 14 Ago. 2017.

Referências

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Editora Difel, 1982.

GRAINGE, Paul (Edit.). **Memory and Popular Film**. Manchester, UK: Manchester University Press. 2003.

KAPLAN, E. Ann. **A Mulher e o Cinema: Os Dois Lados da Câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LARSSON, Stieg. **The Girl Who Kicked the Hornet's Nest** (*Luftslottet Som Sprängdes*). Millennium Series, V.3. New York: Vintage Books/Random House, 2010.

MULVEY, Laura. **Visual and Other Pleasures: Theories of Representation and Difference**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

POPOVIC, Milan. **In Albert's Shadow: The Life and Letters of Mileva Marić, Einstein's First Wife**. Baltimore, USA: Johns Hopkins University Press, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Question of Multiculturalism: The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues**. New York, NY: Routledge, 1990.

Internet:

AFICIONADOS.COM. **Ilha de Themyscira: Mulher-Maravilha**. Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/ilha-themyscira-mulher-maravilha/> Acesso em: 13/08/2017

COMMON SENSE MEDIA. **Research: Watching Gender**. Disponível em: <https://www.common sense media.org/research/watching-gender#> Acesso em: 10/08/2017.

EW (Entertainment Weekly). **Star Trek Discovery. Sonequa Martin Green**. Disponível em: <http://ew.com/tv/2017/07/28/star-trek-discovery-sonequa-martin-green-video/amp/> Acesso em: 05/08/2017.

FEMALISTA. **Gal Gadot "Whoever Is Not a Feminist Is a Sexist"**. Disponível em: <http://www.femalista.com/gal-gadot-whoever-not-feminist-sexist/> Acesso em: 10/09/2017.

GALOÁ JOURNAL. **Quem foram as 3 cientistas negras da NASA em Estrelas Além do Tempo.** Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/quem-foram-3-cientistas-negras-da-nasa-em-estrelas-alem-do-tempo> Acesso em: 11/08/2017.

HOLLYWOOD REPORTER. **Study Finds Major Gender Gap in German Films and TV.** Disponível em: [http://www.hollywoodreporter.com/news/study-finds-major-gender-gap-german-film-tv-1020718?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=THR%20International now 2017-07-13%2008:59:37_gszalai&utm_term=hollywoodreporter international](http://www.hollywoodreporter.com/news/study-finds-major-gender-gap-german-film-tv-1020718?utm_source=Sailthru&utm_medium=email&utm_campaign=THR%20International+now+2017-07-13%2008:59:37_gszalai&utm_term=hollywoodreporter+international) Acesso em: 14/08/2017.

IG (portal de notícias). **Liga da Justiça Terá Personagens Adicionais de Mulher-Maravilha.** Disponível em: <http://br.ign.com/cinema/49258/news/liga-da-justica-tera-personagens-adicionais-de-mulher-maravi> Acesso em: 11/08/2017.

MULHER NO CINEMA. **Oscar fica #LessWhite, mas continua #SoMale.** Disponível em: <http://mulhernocinema.com/opiniao/oscar-fica-lesswhite-mas-segue-somale/> Acesso em: 28/07/2017.

_____. **Porque Você Deve Reunir os Amigos e Ir ao Cinema Ver Mulher-Maravilha.** Disponível em: <http://mulhernocinema.com/opiniao/por-que-voce-deve-reunir-os-amigos-e-ir-ao-cinema-ver-mulher-maravilha/> Acesso em: 13/08/2017.

_____. **Girls Trip Fatura US\$ 30 milhões e é Vice-Líder das Bilheterias Americanas.** Disponível em: <http://mulhernocinema.com/noticias/girls-trip-fatura-us-30-milhoes-e-e-vice-lider-das-bilheterias-americanas/> Acesso em: 14/08/2017.

_____. **Vídeos de Atrizes de Séries Dramáticas Falam sobre Machismo, Cenas de Violência e Oportunidades da TV.** Disponível em: <http://mulhernocinema.com/videos/atrizes-de-series-dramaticas-falam-sobre-machismo-cenas-de-violencia-e-oportunidades-da-tv/> Acesso em: 27/08/2017.

REVISTA CLÁUDIA. **Lais Bodansky Fala Sobre as Mulheres no Cinema: Grande Revolução no Festival de Gramado.** Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/lais-bodanzky-sobre-as-mulheres-cinema-grande-revolucao-festival-gramado/> Acesso em: 28/08/2017.

REVISTA VEJA. **Estrelas Além do Tempo: história real é ainda mais otimista.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/e-tudo-historia/estrelas-alem-do-tempo-historia-real-e-ainda-mais-otimista/> Acesso em: 15/08/2017.

ROTTEN TOMATOES. **Girls Trip.** Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/girls_trip Acesso em: 14/08/2017.

UOL. **Mulher-Maravilha: grupo quer banir filme no Líbano por conta da nacionalidade de Gal Gadot.** Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/filmes/noticia/mulher-maravilha-grupo-quer-banir-filme-no-libano-por-conta-da-nacionalidade-de-gal-gadot/> Acesso em: 14/08/2017.

_____. **Líbano Proibiu Oficialmente Mulher-Maravilha por Atriz ser Israelense.** Disponível em: <https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/31/libano-proibiu-oficialmente-mulher-maravilha-por-atriz-israelense.htm> Acesso em: 10/08/2017.

URBAN CINEFILE. **Girls Trip Review.** Disponível em: <http://www.urbancinefile.com.au/home/view.asp?a=22084&s=Reviews> Acesso em: 20/08/2017.

USC Viterbi School of Engineering. **Central Female Characters Movies.** Disponível em: <https://viterbischool.usc.edu/news/2017/08/central-female-characters-movie/> Acesso em: 10/08/2017.

WOMEN AND HOLLYWOOD. **Wonder Woman is Now the Top Female Helmed Filma at the Domestic Box-Office.** Disponível em: <https://blog.womenandhollywood.com/wonder-woman-is-now-the-top-female-helmed-film-at-the-domestic-box-office-f38eba286f3b> Acesso em: 14/08/2017.

WOMEN IN TV AND FILM. **It's a Man's (Celluloid) World.** Disponível em: <http://womenintvfilm.sdsu.edu/its-a-mans-celluloid-world-portrayals-of-female-characters-in-the-top-100-films-of-2015/> Acesso em: 25/07/2017.